

CONCURSOS EUGÊNICOS ENTRE 1920 E 1930

Aluno: Tainá Cavalieri Faria
Orientador: Eneida Leal Cunha

Introdução

Foi feita uma pesquisa aos artigos da mídia impressa entre os anos de 1920 a 1930, que tratavam de concursos de representação local, de beleza, e de saúde infantil, partindo da hipótese de que todos tinham em comum o comprometimento com ideais eugênicos. Através de uma análise de indicadores como termos usados nos artigos e imagens, o estudo objetiva demonstrar a perspectiva racista que orienta a promoção de tais concursos. A eugenia e o racismo das políticas públicas de saúde e educação do início do século XX, que chegaram junto com a modernização do país, são importantes pilares de sustentação do racismo brasileiro, embora sejam geralmente silenciadas pelas historiografias literária, cultural e social.

Contexto Histórico

A ciência eugênica visava administrar a hereditariedade, comumente através de políticas voltadas para o controle da reprodução humana, desencorajando a reprodução de determinados indivíduos considerados anormais ou inferiores. A eugenia derivou do racismo científico que se consolidou no século XIX, quando o determinismo biológico se fazia presente em novas ciências como a frenologia e a antropometria, que investigavam doenças mentais, criminologia e as capacidades humanas medindo o tamanho dos cérebros de diferentes indivíduos e raças [1].

O Brasil importou da eugenia francesa as teorias do evolucionismo cultural. Na primeira metade do século XX acreditava-se não somente que problemas de ordem social e características intelectuais fossem biologicamente determinados, mas que também poderiam ser transmitidos. Até aproximadamente 1930 predominou no Brasil uma eugenia preventiva que buscava melhorar o saneamento, educação moral, alimentação e condições físicas da população, acreditando que progressivamente os descendentes seriam mais eugenicamente adequados. Não era possível em um país miscigenado como o Brasil, promover uma eugenia aos moldes da Europa, que defendia a pureza racial. Assim foi desenvolvida a crença no branqueamento através da miscigenação positiva, saneadora, ideia que prevaleceu, embora em conflito com o pensamento eugênico europeu que via na miscigenação a degeneração das raças. O Estado brasileiro desde o final do século XIX investiu em uma política de estímulo e acolhimento de imigrantes brancos europeus que deveriam contribuir para uma sucessiva branqueamento através da miscigenação [2].

Em 1922 no Rio de Janeiro o pediatra Arthur Moncorvo Filho começava a realizar o primeiro concurso de robustez infantil, que mais tarde, em 1928, seria realizado também pelo serviço sanitário de São Paulo. O dia das crianças era conhecido também como “dia da raça”, pois a criança representava o futuro da “raça brasileira” [3]. A partir de 1929, junto com o concurso de robustez infantil do serviço sanitário de São Paulo, era realizado o concurso de eugenia. O médico Renato Kehl, a principal figura associada a difusão da eugenia no Brasil, escreveu artigos em seu *Boletim de Eugenia* sobre esse concurso, que buscava as raízes genealógicas da criança concorrente e no discurso explícito averiguava se existiam casos de problemas físicos ou mentais na família, mas na prática fazia uma seleção racista e descartava a mestiçagem. Em alguns artigos de divulgação do concurso de eugenia está explícito o critério

racial como condição de participação. No entanto o concurso de robustez infantil também tinha critérios eugênicos rigorosos. Uma crítica feita a esse concurso publicada no *Correio de São Paulo* em 1934, dizia que desde a sua idealização era vetada a participação de crianças negras [5]. A antropometria, método comum nesses concursos, foi também usada em um concurso voltado aos adultos promovido pelo jornal *O Paiz* para eleger o mais belo carioca, nas mesmas páginas havia um outro concurso entre as misses dos estados brasileiros para eleger a que mais representava o “tipo da brasileira”. Ambos os concursos do jornal *O Paiz* ocorreram em 1929, ano em que ocorreram dois concursos de eugenia com grande destaque no boletim de Renato Kehl.

Conclusão

Podemos ver através da documentação da mídia impressa relativa a esses concursos que existia um esforço político e programático para eleger um tipo representante da nossa nacionalidade de acordo com os pressupostos racialistas da época. Mesmo os concursos ligados aos serviços de saúde, não deixavam de ser uma maneira de representação midiática da nacionalidade, com a ajuda de uma intensa participação dos jornais. O problema da representação do brasileiro na mídia nacional ser completamente discrepante da realidade racial da população, ainda persiste com lentas mudanças. Nos anos de 1960 a empresa Johnson começou a realizar um concurso de bebês, embora fosse apresentado como um concurso de beleza, os julgadores eram médicos pediatras e as crianças premiadas eram predominantemente brancas. O bebê vencedor do concurso se tornava um símbolo da criança brasileira. Entrevistas realizadas por Lucimar Rosa Dias mostram as origens do racismo na primeira infância, onde os bebês considerados belos são brancos e loiros, tipo que ficou conhecido na coloquialidade brasileira como “Bebê Johnson” [6].

Referências

- 1 - SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- 2 - STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- 3 - SOARES, Márcia Guedes; **As políticas de educação do serviço sanitário de São Paulo entre a República Velha e o Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- 4 - KEHL, Renato. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. **Boletim de Eugenia**, v.1, n.5, p. 1, mai. 1929.
- 5 - O P.R.P. merece a estima e o apoio dos homens negros? **Correio de S. Paulo**, n.716, p. 3, out. 1934
- 6 - DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo**. Tese (Doutorado em Educação) - São Paulo: Universidade de São Paulo.